

Kelly Barnhill

A Menina que Bebeu a Lua

Tradução de
Natalie Gerhardt

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO
2017



1.

E uma história é contada

Sim.

Existe uma bruxa na floresta. Sempre houve uma bruxa.

Será que você pode parar por um minuto? Pelos céus! Nunca vi uma criança tão irrequieta.

Não, meu bem, eu nunca a vi. Ninguém viu. Não por séculos. Tomamos medidas para que jamais precisássemos vê-la.

Medidas terríveis.

Não me faça contar. Você já as conhece, de qualquer forma.

Ah, eu não sei, meu bem. Ninguém sabe por que ela quer crianças. Não sabemos por que ela insiste que seja sempre a mais nova entre nós. Não é como se pudéssemos simplesmente lhe perguntar. Ela nunca é vista. Nós nos certificamos de que ela não seja vista.

É claro que ela existe. Ora essa! Mas que pergunta! Olhe para a floresta! Tão perigosa! Gases venenosos e buracos de escoamento e gêiseres e terríveis perigos por todos os lados. Você acha que é assim por acaso? Bobagem! Foi a Bruxa, e, se não fizermos o que ela mandar, o que será de nós?

Você precisa mesmo que eu explique?

Prefiro que não.

Ah, acalme-se, não chore. Não é como se o Conselho dos Anciãos vá pegar você, não é mesmo? Você já passou da idade.

De nossa família?

Sim, meu bem. Muito tempo atrás. Antes de você nascer. Era um garoto bonito.

Agora termine seu jantar e vá concluir seus afazeres. Vamos acordar bem cedo amanhã. O Dia do Sacrifício não espera por ninguém, e todos precisam estar presentes para agradecer à criança que vai nos salvar por mais um ano.

Seu irmão? Como eu poderia lutar por ele? Se eu tivesse lutado, a Bruxa teria matado todos nós e, então, onde estaríamos? Sacrificar um ou sacrificar todos. É assim que o mundo funciona. Não poderíamos mudar isso, mesmo se tentássemos.

Chega de perguntas. Vamos logo. Criança tola.

2.

E uma infeliz enlouquece

O Grão-Ancião Gherland se preparou com calma naquela manhã. Afinal, o Dia do Sacrifício só acontecia uma vez por ano, e ele gostava de exibir a melhor aparência durante a procissão solene até a casa amaldiçoada e durante o retiro oficial. Encorajava os outros Anciãos a fazer o mesmo. Era importante se apresentar bem para a população.

Aplicou cuidadosamente um pouco de ruge nas bochechas flácidas e delineou os olhos com traços grossos de lápis preto. Verificou os dentes no espelho, assegurando-se de que não havia gosma nem restos de comida. Amava aquele espelho. Era o único que existia no Protetorado. Nada dava a Gherland mais prazer que possuir algo único e exclusivamente seu. Gostava de ser *especial*.

O Grão-Ancião possuía muitas coisas que eram únicas no Protetorado. Era uma das vantagens do trabalho.

O Protetorado — chamado Reino das Tifas por uns e Cidade das Tristezas por outros — ficava espremido entre a floresta traiçoeira e um enorme charco. A maioria das pessoas no Protetorado tirava o sustento do Charco. Havia um futuro na perambulação por aquele

lugar, diziam as mães para os filhos. Não um grande futuro, vejam bem, mas era melhor que nada. O Charco ficava cheio de brotos de Zirin na primavera e flores de Zirin no verão e bulbos de Zirin no outono, além de uma grande variedade de plantas mágicas que podiam ser colhidas, preparadas, tratadas e vendidas para os comerciantes do outro lado da floresta; em troca, estes transportavam os frutos do Charco para as distantes Cidades Livres. A floresta em si era terrivelmente perigosa, e só era possível viajar pela Estrada.

E os Anciãos eram donos da Estrada.

O que é o mesmo que dizer que o Grão-Ancião era o dono da Estrada, e os outros Anciãos recebiam sua parte. Os Anciãos também eram donos do Charco. E dos pomares. E das casas. E das praças de mercado. Até mesmo dos jardins.

Era por isso que as famílias do Protetorado faziam sapatos de junco. Era por isso que, em épocas de escassez, alimentavam as crianças com canja grossa e rica do Charco, na esperança de que o Charco as tornasse fortes.

Era por isso que os Anciãos e suas famílias eram grandes e fortes, e tinham no rosto o tom rosado de quem come carne e manteiga e toma cerveja.

Uma batida à porta.

— Entre — murmurou o Grão-Ancião Gherland enquanto ajeitava as dobras da túnica.

Era Antain. Seu sobrinho. Um Ancião em Treinamento, mas apenas porque Gherland, em um momento de fraqueza, fizera uma promessa à ridícula mãe do garoto um pouco menos ridículo. Mas isso era indelicado. Antain era um jovenzinho bom o suficiente de quase 13 anos. Trabalhava duro e aprendia rápido. Era bom com os números e com as mãos, e podia construir um banco confortável para um Ancião cansado tão rápido quanto um estalar de dedos. E, mesmo sem querer, Gherland desenvolveu um afeto inexplicável e crescente pelo garoto.

No entanto.

Antain tinha grandes ideias. Grandes noções. E *perguntas*. Gherland franziu o cenho. Antain era — como poderia explicar? — *excessi-*

vamente perspicaz. Se continuasse assim, teriam de lidar com ele, parente ou não. O pensamento pesava como pedra no coração de Gherland.

— TIO GHERLAND! — Antain quase derrubou o tio com o detestável entusiasmo.

— Acalme-se, menino! — vociferou o Anciã. — Esta é uma ocasião solene.

O garoto se aquietou de forma visível; o rosto ansioso, parecido com o de um cãozinho, voltou-se para o chão. Gherland resistiu à vontade de fazer um carinho na cabeça do sobrinho.

— Fui enviado — começou Antain com sua voz mais suave — para informar que os outros Anciãos já estão prontos. E toda a população já está aguardando na rota. Todos estão presentes.

— Todos? Não há nenhum fujão?

— Depois do que aconteceu no ano passado, duvido que isso se repita — declarou Antain, estremeando.

— Que pena. — Gherland olhou-se no espelho de novo e retocou o ruge. Gostava bastante de ensinar uma lição ocasional aos cidadãos do Protetorado. Para esclarecer as coisas. Bateu nas pernas sob o queixo e franziu o cenho. — Bem, meu sobrinho — disse, fazendo a túnica farfalhar artisticamente, de uma forma que levou mais de uma década para aperfeiçoar. — Vamos logo. Afinal, aquele bebê não vai se sacrificar sozinho. — E caminhou até as ruas, como se flutuasse, com Antain tropeçando em seus calcanhares.

* * *

Normalmente, o Dia do Sacrifício chegava e passava com toda pompa e seriedade necessária. As crianças eram entregues sem protesto. As famílias, entorpecidas, permaneciam em luto silencioso, com panelas de ensopado e alimentos nutritivos nas cozinhas, enquanto os braços confortadores dos vizinhos as envolviam para aliviar a dor da perda.

Normalmente, ninguém quebrava as regras.

Não daquela vez.

O Grão-Ancião Gherland apertou os lábios e franziu o cenho. Conseguia ouvir os gritos da mãe mesmo antes de a procissão virar a última rua. Onde estavam, os cidadãos começaram a ficar inquietos, desconfortáveis.

Quando chegaram à casa da família, o Conselho de Anciãos se deparou com uma visão surpreendente: quem atendeu a porta foi um homem com o rosto todo arranhado e o lábio superior inchado, além de marcas de sangue no couro cabeludo em áreas onde chumaços de cabelo foram arrancados. Ele tentou sorrir, mas a língua instintivamente se acomodou no buraco onde até pouco antes havia um dente. Contraiu os lábios e tentou fazer uma reverência.

— Sinto muito, senhores — desculpou-se o homem. Supunha-se que fosse o pai. — Não sei o que deu nela. É como se tivesse enlouquecido.

Das vigas acima, uma mulher berrava e uivava enquanto os Anciãos entravam na casa. O cabelo preto e brilhante voava em volta de sua cabeça, como um ninho de cobras compridas e rastejantes. Ela sibilou e cuspiu tal qual um animal encurralado. Prendia-se às vigas do teto com um braço e uma perna, enquanto com o outro braço segurava firme um bebê contra o peito.

— SAIAM DAQUI! — berrou ela. — Vocês *não podem* ficar com ela. Senão vou cuspir em seus rostos e amaldiçoar seus nomes. Saiam já de minha casa ou vou arrancar os olhos de cada um de vocês e os atirarei aos corvos!

Os Anciãos ficaram olhando para ela, boquiabertos. Não conseguiam *acreditar* no que viam. Ninguém lutava por uma criança condenada. Isso simplesmente *não acontecia*.

(Antain começou a chorar. Esforçou-se para esconder as lágrimas dos adultos na sala.)

Gherland, com rapidez de raciocínio, assumiu uma expressão bondosa no rosto enrugado. Estendeu as mãos à mãe para mostrar que não queria lhe fazer nenhum mal. Rangeu os dentes por trás do sorriso. Toda aquela bondade quase o matava.

— Não *estamos* aqui para pegá-la, minha pobre e confusa menina — disse Gherland em um tom paciente. — É a *Bruxa* que vai pegá-la. Nós simplesmente cumprimos ordens.

A mãe fez um som gutural, que veio do fundo do peito, como uma urso raivosa.

Gherland pousou a mão no ombro do marido perplexo e deu um apertão gentil.

— Ao que tudo indica, meu bom amigo, você está certo. Sua mulher *realmente* enlouqueceu. — Ele se esforçou ao máximo para ocultar a raiva sob uma fachada de preocupação. — Um caso raro, por certo, mas não sem precedente. Devemos reagir com compaixão. Ela não tem culpa. Precisa de cuidados.

— MENTIROSO — cuspiu a mulher. A criança começou a chorar, e a mulher subiu ainda mais alto, apoiando os pés em vigas paralelas e encostando-se na inclinação do telhado, tentando se posicionar de forma que permanecesse fora de alcance enquanto amamentava a filha. A criança se acalmou na hora. A mulher então avisou com um rugido: — Se você a pegar, vou encontrá-la. Eu vou encontrá-la e vou trazê-la de volta. Você vai ver se não vou.

— Vai enfrentar a Bruxa? — Gherland riu. — Sozinha? Ah, que alma patética e perdida a sua. — As palavras eram doces, mas o rosto pegava fogo. — A tristeza a fez perder a razão. O choque estilhaçou sua pobre mente. Não importa. Nós vamos curá-la, querida, da melhor maneira que pudermos. Guardas!

O Grão-Ancião estalou os dedos, e guardas armadas precipitaram-se para dentro da sala. Faziam parte de uma unidade especial, fornecida pela Irmandade da Estrela. Usavam arcos e flechas presos às costas, espadas afiadas embainhadas nos cintos. Os longos cabelos trançados davam uma volta na cintura, onde se apertavam com força: eram um testemunho dos anos de contemplação e treinamento de combate no topo da Torre. Seus rostos eram implacáveis como pedra, e os Anciãos, apesar de seu poder e estatura, mantinham-se longe delas. A Irmandade era uma força temível, com a qual não se devia brincar.

— Removam a criança das garras daquela lunática e acompanhem a pobre coitada até a Torre — ordenou Gherland. Ele lançou um olhar zangado para a mãe que, de repente, empalideceu nas viçgas. — A Irmandade da Estrela sabe o que fazer com mentes estilhaçadas, querida. Tenho certeza de que não deve doer nadinha mesmo.

As Irmãs da Guarda eram eficientes, calmas e absolutamente implacáveis. A mãe não tinha a menor chance. Em questão de instantes, foi amarrada e arrastada para longe. Seus gritos ecoaram pela cidade silenciosa, terminando de repente quando as portas de madeira da Torre se fecharam, trancando-a ali dentro.

A bebezinha, por sua vez, assim que foi colocada nos braços do Grão-Ancião, choramingou um pouco e depois voltou a atenção para o rosto caído em frente a ela, cheio de rugas e marcas e dobras. Tinha um olhar solene: calmo, cético e intenso, dificultando que Gherland desviasse o olhar. Os cachos eram pretos, os olhos também. Pele luminosa, como âmbar lapidado. No centro da testa, trazia uma marca de nascença no formato de lua crescente. A mãe tinha uma marca similar. A crença popular dizia que esse tipo de gente era especial. Normalmente, Gherland não gostava da crença popular e sem dúvida detestava quando os cidadãos do Protetorado enfiavam na cabeça que eram melhores que os outros. Ele franziu ainda mais o cenho e aproximou o rosto, enrugando a testa. A bebezinha colocou a língua para fora.

Criança horrível, pensou Gherland.

— Senhores — disse ele, com toda pompa e circunstância que conseguiu reunir. — Chegou a hora.

A bebê escolheu esse exato momento para deixar uma mancha grande, quente e úmida na túnica de Gherland, que fingiu não notar, mas ferveu por dentro.

Ela fizera aquilo de propósito. Tinha certeza disso. Que bebê revoltante!

A procissão seguiu, como sempre, de forma sombria, lenta e insuportavelmente penosa. Gherland sentiu que enlouqueceria de impa-

ciência. No entanto, assim que os portões do Protetorado se fecharam atrás deles e os cidadãos voltaram para a melancolia de sua prole de filhos e seus casebres encardidos, os Anciãos aceleraram o ritmo.

— Mas por que estamos correndo, tio? — perguntou Antain.

— Quietos, garoto! — sibilou Gherland. — E acompanhe-nos!

Ninguém gostava de estar na floresta, longe da Estrada. Nem mesmo os Anciãos. Nem mesmo Gherland. A região bem próxima aos muros do Protetorado era segura o suficiente. Em tese. Mas todo mundo conhecia alguém que, sem querer, tinha se afastado demais. E caído em um buraco. Ou pisado em lama fervente, queimando a maior parte da pele. Ou entrado em uma cavidade onde o ar era venenoso, sem nunca voltar. A floresta era perigosa.

Seguiram pela trilha retorcida até a pequena clareira cercada por cinco árvores antigas, conhecidas como Criadas da Bruxa. Ou seis. *Mas não eram cinco antes?* Gherland lançou um olhar irritado para as árvores, recontou-as e balançou a cabeça. Havia seis. Não importava. A floresta o estava afetando. Afinal, aquelas árvores eram quase tão antigas quanto o mundo.

O espaço dentro do anel de árvores era musgoso e macio, e os Anciãos colocaram a criança ali, esforçando-se ao máximo para não a olhar. Deram as costas para a menina e se apressaram a voltar quando o integrante mais jovem do grupo pigarreou.

— Então. Nós simplesmente a deixamos aqui? — perguntou Antain. — É assim que se faz?

— Sim, meu sobrinho — respondeu Gherland. — É assim que se faz. — Sentiu uma onda repentina de fadiga nos ombros, como o peso de um jugo de bois. Sentiu as costas começarem a ceder.

Antain beliscou o pescoço, um hábito nervoso que não conseguia controlar.

— Não deveríamos esperar a Bruxa chegar?

Os outros Anciãos caíram em um silêncio desconfortável.

— Você pode repetir? — perguntou o Ancião Raspin, o mais decrepito de todos.

— Bem, com certeza... — A voz de Antain falhou. — Com certeza, deveríamos esperar a Bruxa — raciocinou ele em voz baixa. — O que aconteceria se um animal selvagem chegasse primeiro e a levasse embora?

Os olhos dos outros Anciãos se voltaram para o Grão-Ancião, enquanto eles apertavam os lábios.

— Felizmente, meu sobrinho, isso nunca foi um problema — respondeu Gherland depressa, afastando o garoto.

— Mas... — insistiu Antain, beliscando o próprio pescoço de novo, com tanta força que deixou uma marca.

— Já chega — interrompeu o tio, a mão firmemente apoiada nas costas do garoto conforme caminhava rapidamente pela trilha gasta.

E, um por um, os Anciãos seguiram, deixando a bebezinha para trás.

Todos, exceto Antain, partiram sabendo que não era uma questão de *se* a criança seria comida por animais, mas sim de que *com certeza* seria.

Deixaram a menina ali sabendo que certamente *não* existia bruxa alguma. Nunca *existira* uma bruxa. Havia apenas a floresta perigosa e uma única estrada e um controle tênue de uma vida da qual os Anciãos gozaram por gerações. A Bruxa — ou melhor, a crença de que ela existia — tornou o povo aterrorizado e subjugado, um povo submisso, que vivia a vida em um nevoeiro de tristeza, e as nuvens de sua tristeza adormeciam seus sentidos e encharcavam suas mentes. Era terrivelmente conveniente para um governo livre e desimpedido dos Anciãos. Era desagradável também, mas isso não poderia ser evitado.

Ouviram a criança chorar enquanto caminhavam por entre as árvores, mas o choro logo desapareceu entre os suspiros do pântano e o canto dos pássaros e o estalar das árvores pela floresta. E cada um dos Anciãos sentiu uma certeza plena de que aquela criança não sobreviveria até o dia seguinte, e de que eles nunca mais ouviriam falar dela, nem a veriam, nem pensariam nela.

Acreditaram que ela desapareceria para todo o sempre.

Mas estavam errados, é claro.